

“Hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização”

share

08 Fevereiro 2018



O filósofo sul-coreano [Byung-Chul Han](#), um destacado dissecador da sociedade do **hiperconsumismo**, fala sobre suas críticas ao “inferno do igual”.

A reportagem é de **Carlos Geli**, publicada por **El País**, 07-02-2018.

As **Torres Gêmeas**, edifícios idênticos que se refletem mutuamente, um sistema fechado em si mesmo, impondo o igual e excluindo o diferente e que foram alvo de um ataque que abriu um buraco no sistema global do igual. Ou as pessoas praticando *binge watching* (maratonas de séries), visualizando continuamente só aquilo de que gostam: mais uma vez, multiplicando o igual, nunca o diferente ou o outro... São duas das poderosas imagens utilizadas pelo filósofo sul coreano **Byung-Chul Han** (Seul, 1959), um dos mais reconhecidos dissecadores dos males que acometem a [sociedade hiperconsumista](#) e **neoliberal** depois da **queda do Muro de Berlim**. Livros como **A Sociedade do Cansaço**, **Psicopolítica** e **A Expulsão do Diferente** reúnem seu denso

discurso intelectual, que ele desenvolve sempre em rede: conecta tudo, como faz com suas mãos muito abertas, de dedos longos que se juntam enquanto ajeita um curto rabo de cavalo.

“No 1984 orwelliano a sociedade era consciente de que estava sendo dominada; hoje não temos nem essa consciência de dominação”, alertou em sua palestra no **Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona (CCCB)**, na Espanha, onde o professor formado e radicado na Alemanha falou sobre a expulsão da diferença. E expôs sua particular visão de mundo, construída a partir da tese de que os indivíduos hoje se autoexploram e têm pavor do outro, do diferente. Vivendo, assim, “no deserto, ou no inferno, do igual”.

**Autenticidade.** Para **Han**, as pessoas se vendem como autênticas porque “todos querem ser diferentes uns dos outros”, o que força a “produzir a si mesmo”. E é impossível ser verdadeiramente diferente hoje porque “nessa vontade de ser diferente prossegue o igual”. Resultado: o sistema só permite que existam “diferenças comercializáveis”.

**Autoexploração.** Na opinião do filósofo, passou-se do “dever fazer” para o “poder fazer”. “Vive-se com a angústia de não estar fazendo tudo o que poderia ser feito”, e se você não é um vencedor, a culpa é sua. “Hoje a pessoa explora a si mesma achando que está se realizando; é a lógica traiçoeira do neoliberalismo que culmina na síndrome de burnout”. E a consequência: “Não há mais contra quem direcionar a revolução, a repressão não vem mais dos outros”. É “a **alienação de si mesmo**”, que no físico se traduz em anorexias ou em compulsão alimentar ou no consumo exagerado de produtos ou entretenimento.

‘**Big data**’.”Os macrodados tornam supérfluo o pensamento porque se tudo é quantificável, tudo é igual... Estamos em pleno **dataísmo**: o homem não é mais soberano de si mesmo, mas resultado de uma operação algorítmica que o domina sem que ele perceba; vemos isso na **China** com a concessão de vistos segundo os dados geridos pelo Estado ou na técnica do reconhecimento facial”. A revolta implicaria em deixar de compartilhar dados ou sair das redes sociais? “Não podemos nos recusar a fornecê-los: uma serra também pode cortar cabeças... É preciso ajustar o sistema: o *ebook* foi feito para que eu o leia, não para que eu seja lido através de **algoritmos**... Ou será que o algoritmo agora fará o homem? Nos **Estados Unidos** vimos a influência do *Facebook* nas eleições... Precisamos de uma carta digital que recupere a dignidade humana e pensar em uma renda básica para as profissões que serão devoradas pelas novas **tecnologias**”

**Comunicação.** “Sem a presença do outro, a comunicação degenera em um intercâmbio de informação: as relações são substituídas pelas conexões, e assim só se conecta com o igual; a comunicação digital é somente visual, perdemos todos os sentidos; vivemos uma fase em que a comunicação está debilitada como nunca: a comunicação global e dos *likes* só tolera os mais iguais; o igual não dói!”.

**Jardim.** “Eu sou diferente; estou cercado de aparelhos analógicos: tive dois pianos de 400 quilos e por três anos cultivei um jardim secreto que me deu contato com a realidade: cores, aromas, sensações... Permitiu-me perceber a alteridade da terra: a terra tinha peso, fazia tudo com as mãos; o digital não pesa, não tem cheiro, não opõe resistência, você passa um dedo e pronto... É a abolição da realidade; meu próximo livro será esse: **Elogio da Terra. O Jardim Secreto**. A terra é mais do que dígitos e números.

**Narcisismo.** Han afirma que “ser observado hoje é um aspecto central do ser no mundo”. O problema reside no fato de que “o narcisista é cego na hora de ver o outro” e, sem esse outro, “não se pode produzir o sentimento de autoestima”. O narcisismo teria chegado também àquela que deveria ser uma panaceia, a arte: “Degenerou em narcisismo, está ao serviço do consumo, pagam-se quantias injustificadas por ela, já é vítima do sistema; se fosse alheia ao sistema, seria uma narrativa nova, mas não é”.

**Os outros.** Esta é a chave para suas reflexões mais recentes. “Quanto mais iguais são as pessoas, mais aumenta a produção; essa é a lógica atual; o capital precisa que todos sejamos iguais, até mesmo os turistas; o **neoliberalismo** não funcionaria se as pessoas fossem diferentes”. Por isso propõe “retornar ao animal original, que não consome nem se comunica de forma desenfreada; não tenho soluções concretas, mas talvez o sistema acabe desmoronando por si mesmo... Em todo caso, vivemos uma época de conformismo radical: a universidade tem clientes e só cria trabalhadores, não forma espiritualmente; o mundo está no limite de sua capacidade; talvez assim chegue a um curto-circuito e recuperemos aquele animal original”.

**Refugiados.** Han é muito claro: com o **atual sistema neoliberal** “não se sente preocupação, medo ou aversão pelos refugiados, na verdade são vistos como um peso, com ressentimento ou inveja”; a prova é que logo o mundo ocidental vai veranear em seus países.

**Tempo.** É preciso revolucionar o uso do tempo, afirma o filósofo, professor em Berlim. “A aceleração atual diminui a capacidade de permanecer: precisamos de um tempo próprio que o sistema produtivo não nos deixa ter; necessitamos de um tempo livre, que significa ficar parado, sem nada produtivo a fazer, mas que não deve ser confundido com um tempo de recuperação para continuar trabalhando; o tempo trabalhado é tempo perdido, não é um tempo para nós”.

## O 'Monstro' da União Europeia

“Estamos na Rede, mas não escutamos o outro, só fazemos barulho”, diz **Byung-Chul Han**, que viaja o necessário, mas não faz turismo “para não participar do fluxo de mercadorias e pessoas”. Também defende uma política nova. E a relaciona com a [Catalunha](#), tema cuja tensão atenua brincando:

“Se **Puigdemont** prometer voltar ao animal original, eu me torno separatista”.

Já no aspecto político, enquadra o assunto no contexto da **União Europeia**: “A UE não foi uma união de sentimentos, mas sim comercial; é um monstro burocrático fora de toda lógica democrática; funciona por decretos...; nesta globalização abstrata acontece um duelo entre o não lugar e a necessidade de se de um lugar concreto; o especial é incômodo, gera desassossego e arrebenta o regional. [Hegel](#) dizia que a verdade é a reconciliação entre o geral e o particular e isso, hoje, é mais difícil...”. Mas recorre à sua revolução do tempo: “O casamento faz parte da recuperação do tempo livre: vamos ver se haverá um casamento entre a Catalunha e Espanha, e uma reconciliação”.

## Leia mais

- [Coreias. Do tecnocapitalismo definitivo ao comunismo dinástico](#)
- [O império do cansaço](#)
- [A sociedade do cansaço](#)
- [Naomi Klein: 'O hiperconsumismo do capitalismo global está nos matando'](#)
- [Depois dos transgênicos, comeremos "big data". Artigo de Vandana Shiva](#)
- [A silenciosa ditadura do algoritmo](#)
- [Os algoritmos e a política. Nem bons ou ruins, os algoritmos também não são neutros. Entrevista especial com André Pasti e Marina Pita](#)
- [Refugiados: quanto mais a política for restritiva, mais incentivará os "mercadores de carne humana". Entrevista especial com Paolo Parise](#)
- [O narcisismo e a paixão negativa, dominantes no presente, fundamentam o ódio e o terrorismo. Entrevista especial com Sarantis Thanopoulos](#)
- [“O projeto catalão é conservador e de direita”, afirma Thomas Piketty](#)

Comunicar erro

## NOTÍCIAS RELACIONADAS



**Os algoritmos e a política. Nem bons ou ruins, os algoritmos também não são neutros. Entrevista especial com André Pasti e Marina Pita**

[LER MAIS](#)

---

### **@Pontifex e os sacros tuítes: As redes sociais digitais segundo Bento XVI**

A mensagem de Bento XVI para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais lança os desafios do papa à própria Igreja com rela💎[...]

[LER MAIS](#)

---



### **"A fé pode dar à razão a coragem de pensar"**

O desafio para a filosofia atual é ter mais audácia. É preciso não se deter na superfície. É preciso colocar os problemas fu[...]

[LER MAIS](#)

---

### **Evolução e fé cristã: semânticas em diálogo**

Quais as implicações da evolução científica para as semânticas da fé cristã? É possível conciliar ciência e fé, a part[...]

[LER MAIS](#)

---

**DEIXE SEU  
COMENTÁRIO**

cached 



Enviarsend

